

Debate do texto Oktoberfest/97: tradição inventada para o lazer dos teuto-rondonenses.

Valdir Gregory¹

Pretendo debater o texto **Oktoberfest/97: tradição inventada para o lazer dos teuto-rondonenses** de Ilse Lorena Von Borstel Galvão de Queirós, elementos tratados em dissertação de mestrado em Educação Física/UNICAMP. Nele, a autora “busca compreender e interpretar as situações e os interesses culturais, sociais e políticos” da Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon a partir de depoimentos, entrevistas e observação participante. Observa que esta festa se insere em um complexo cultural teuto-brasileiro em que festas étnicas germânicas constituem-se em práticas de lazer institucionalizadas e em “política pública de lazer com objetivos turísticos ‘mercantilizados’.”

Começo a minha intervenção observando que a festa acontece e envolve significativa parcela da população local. O texto afirma que o projeto é justificado e caracterizado em função das festas de München/Alemanha e Blumenau/SC, quando foi idealizada em 1986/87. Na época teria tido apoio institucional do poder público municipal de Marechal Cândido Rondon e de empresários locais. Estas referências contribuíram no sentido de se criar símbolos como o Opafass, o Bierwagen, decorações, construções, vestimentas, comeres e beberes tidos como caracterizações étnicas germânicas. Quem vive neste município e nas suas imediações ou conhece o local observa que, realmente, a Oktoberfest acontece anualmente, mobilizando parcela da população local que se envolve na organização, participação, avaliações, estudos. Ela tem ingredientes dos mais diversos, que vão de aspectos econômicos, culturais, artísticos, lúdicos, místicos, sociais, políticos.

Marcos Nestor Stein² tratou da questão da construção e reconstrução do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon, sendo que, no discurso da etnicidade, o teuto seria considerado superior aos demais grupos. “O germanismo, que para os alemães é conhecido como Deutschtum, era difundido, principalmente, pelas organizações culturais, esportivas e religiosas...” O autor entende que, a partir de 1970, com a idealização do trabalho alemão, “os discursos que visam a identidade dos teutos em Marechal Cândido Rondon vão continuar baseados no ‘caráter laborioso’, ‘ordeiro’, ‘disciplinado’ do teuto. Cria-se, também, toda uma história em comum, baseada numa narrativa ‘heróica’, de ‘pioneiros desbravadores’, que a cada ano é recontada, principalmente por ocasião da Oktoberfest e da festa da Emancipação política do município de Marechal Cândido Rondon.” Os meios de comunicação teriam contribuído para criar um ambiente de exclusão, perceptível na distribuição de espaços na Oktoberfest, sendo que havia pavilhões destinados a grupos identificados como alemães e outros aos não-alemães. Nas considerações finais, Stein afirma que a criação de uma identidade pelos teutos já esteve presente no início da colonização, quando a Companhia Colonizadora Rio Paraná Ltda. - Maripá - teria optado por descendentes de italianos e alemães, sendo separados para “constituírem grupos ‘homogêneos’.”

Com relação à colonização empreendida pela Maripá, tenho tratado desta questão, quando discuto aspectos étnico-culturais presentes nas preocupações de administradores da colonização. Retomo alguns aspectos para esta discussão. Kalervo Oberg³ informa que 85% dos colonizadores de Toledo teriam nascido no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, segundo pesquisa feita em 1956. A mesma mostrou que 53% dos sobrenomes das famílias eram alemães, 20% italianos, 19,3% portugueses, 5,2% eslavos e 2,5% espanhóis.

Marechal Cândido Rondon foi criando uma imagem de forte presença de descendentes de alemães. Nos municípios vizinhos de Toledo (ao Norte e ao Nordeste), a origem dos habitantes era, na maioria, não sulista, ou seja, paulista, mineira, capixaba e nordestina. As terras da antiga Fazenda Britânia, colonizadas pela Maripá, se limitavam a Norte e Nordeste com áreas colonizadas com migrantes vindos do Sudeste do Brasil, sendo uma continuidade do fluxo migratório responsável pela colonização das regiões de Londrina e de Maringá onde predominaram os colonos “sem origem” sob o ponto de vista dos colonos da Região Sul do Brasil. Têm-se espaços bem nítidos que caracterizam as diferenças destas duas ondas colonizadoras, cujos limites separam áreas destinadas para migrantes selecionados, evitando-se a vinda do outro e buscando a eliminação do outro.

Diversos dados e diversas fontes mostram que a delimitação étnico-cultural fazia parte de discursos e preocupações nos anos 1940 a 1960 e que teve reflexos em conceituações, preconceitos e atitudes na região. Os próprios migrantes manifestaram tais desejos, sendo que os novos habitantes introyetaram este espírito de segregação. A nova terra seria, preferencialmente, destinada a colonos descendentes de imigrantes aclimatados ao sul do Brasil. Esta conotação, apesar de mudanças ocorridas na região, continuou a se manifestar fortemente em décadas posteriores.

Kalervo Oberg⁴ afirma que o levantamento feito por sua equipe de pesquisa, em agosto de 1956, apontou para uma população de 9.945 habitantes no município de Toledo. No Relatório da MARIPÁ de 1960, a população mencionada é de 30.000 habitantes, sendo 15.000 (50%) de alemães, 12.000 (40%) de italianos e 3000 (10%) outros. Percebe-se que os números são arredondados, mas que dão uma visão geral da origem dos colonos. Novamente se destacam os alemães e os italianos e os outros continuam sendo os outros.⁵ “Noventa e nove por cento dessa população era constituída de indivíduos de cor branca e somente um por cento de mulatos”. Há, também, em número menor, trabalhadores itinerantes paraguaios, alguns mestiços de branco e índio. Ondy Niederauer⁶ relata que, quando foi fundada Toledo e vieram os primeiros grupos de pessoas do Sul, logo apareceram alguns paraguaios em busca de trabalho. Estes teriam servido para atividades de desbravamento e de extração de madeira. Também teriam chegado alguns poloneses de Cascavel (a colonização nesta localidade começou com um grupo de poloneses em 1920).⁷

O que é a Oktoberfest? Segundo a autora, estas festas se caracterizam como um complexo cultural teuto-brasileiro, festas étnicas germânicas, práticas culturais étnicas, atividades de caráter étnico. Observa-se uma referência à etnicidade, à germanidade, ao Deutschtum, ao Heimat, à nação. Trata-se da construção-criação de uma origem, de um marco inicial, de uma identidade. A questão da identidade envolve diversas possibilidades de concepções e referenciais, podendo ser a identidade de uma pessoa (iluminismo), a interação entre o eu e a sociedade, o interior e o exterior, sujeito e a estrutura (sociológica), celebração móvel, multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis na pós-modernidade (Stuart Hall). No caso do germanismo teuto-brasileiro (Deutschbrasiliertum), a identidade “é dada pela origem e atualizada através de certos elementos culturais considerados importantes: a língua materna, a capacidade de trabalho, o conhecimento do folclore alemão, a participação nas atividades das associações”. A nação é vista como o Heimat, ou seja a “pátria de um indivíduo é o seu lar”, a pátria tem um significado étnico e se refere à sua comunidade, ao lugar onde nasceu.⁸

Estas observações decorrem, com facilidade, da leitura do texto em debate, uma vez que ele aponta para aspectos culturais e simbólicos do lúdico, do turístico, da festa. O comer e o beber fornecem elementos marcantes para a caracterização da festa e servem para o marketing. Alguns hábitos alimentares de imigrantes, no entender de Giralda Seiferth,⁹ firmaram-se e tiveram aceitação fora do meio rural, havendo adaptações de tipos de alimentos dos locais de origem às condições e cultivos das regiões para as quais eles migraram. No caso dos alemães, destacam-se o Sauerkraut (xucrute), o Früchtenmus (Schmier ou mus), a Kuchen (cuca), o Eisbein (joelho de porco), o café colonial. Estes e outros ingredientes começaram a fazer parte de pratos

comercializados e divulgados nas festas germânicas. Reforça-se, também, a idéia de que, na cultura alemã, beber cerveja em quantidades consideráveis seria uma marca. Ela foi ressaltada nas divulgações e no dia-a-dia das festividades. Estatísticas apontavam para a quantidade de litros da bebida consumida durante os festejos.

Um outro aspecto a que a autora se refere é a representação dos imigrantes e seus descendentes do meio rural. Neste aspecto, em áreas de colonização com presença de migrantes germânicos teriam sido criados significados pejorativos dos termos alemão, colono, como sendo o antibrasileiro, o atrasado, o inculto. Isto teria ocorrido antes da intensificação da modernização da agricultura e que as mudanças sócio-econômicas decorrentes da ascensão econômica de camponeses destas áreas teriam minimizado estes estigmas. A relação da cultura de descendentes de alemães com a nacionalidade brasileira enfrentou tensões, principalmente, por ocasião dos conflitos bélicos do século XX, que envolveram fortemente a Alemanha. A Segunda Grande Guerra (1939-1945) motivou atitudes antigermânicas no Brasil, influindo no retraimento de manifestações culturais de caráter étnico alemão. Passadas as primeiras décadas pós-conflito, as manifestações de caráter étnico puderam ser realizadas de forma mais livre e retornaram com força em comunidades com presença significativa de pessoas que falavam alemão e se identificavam com o passado germânico. Isso proporcionou ambiente adequado para a reconstrução da figura do colono de falar e de cultura alemã, proporcionando melhores condições para iniciativas como a Oktoberfest e as representações que a envolvem.

Cabe aqui abordar alguns aspectos da vida desses camponeses, denominados colonos. Colonos são os membros de uma colônia, pequeno proprietário, trabalhador agrícola, principalmente imigrante ou descendente deste. É um camponês típico, caracterizado pela pequena propriedade rural e que se dedica à produção familiar de subsistência e de mercado, normalmente sem utilização de mão-de-obra externa ao grupo familiar. Luiza H. Schmitz Kliemann¹⁰ entende por colonos os pequenos proprietários que receberam ou adquiriram terras, em pequenos lotes, "para desenvolver a policultura e prover a subsistência e por colonizadores os proprietários particulares, empresas, ou mesmo o poder público, que, adquirindo grandes glebas, as lotearam e as venderam a colonos". Ainda conforme Jean Roche, na Alemanha, o termo "Kolonist" designa o homem que desbrava e cultiva a terra e "Kolonie" o lote ou estabelecimento rural. "O termo colonização [...] permitir-nos-á apreciar diversos aspectos de um fenômeno complexo tanto no tempo como no espaço". Léo Waibel¹¹ conceitua colonização, distinguindo os objetivos da iniciativa do governo e os objetivos da iniciativa de particulares. Para o governo, a colonização seria a política de povoamento e de desenvolvimento de áreas desabitadas e, para as companhias particulares, ela seria negócio.

A modernização do meio rural intensificou-se a partir da década de 1970 no Brasil. Em Marechal Cândido Rondon, esta modernização ajudou a reformular visões sobre o camponês local. As representações alçaram-no da situação de atrasado para a figura de trabalhador, empreendedor. Em torno dele construiu-se um produtor rural modernizado, consumidor de tecnologia e de bens de consumo. A ele foi atribuído e ele a si mesmo atribuiu um papel de relevância sócio-econômica. Ele poderia festejar e ser festejado. O poder aquisitivo permitiria os excessos da festa e o seu modo de ser foi reapresentado em novos contornos.

Nesta situação, ele se adequava a uma tradição inventada. Ele servia para a utilização simbólica e ritual, em que práticas e regras restituíam a aceitabilidade assentada no passado-presente. Ele se constituía em motivo para uma nova construção simbólica para objetivos turísticos. A sua figura servia para atrair o turista, o jovem. Justificava o lazer e o turismo. Foi tornado útil para o mercado do ócio, para a produção do lúdico e do lazer. Tornou-se objeto de fazedores de festa, da economia turística. Este é uma aspecto da modernidade, da modernização agrícola, em que o colono foi transformado em granjeiro, ou seja, produtor e empreendedor inserido no mercado. Obviamente, esta idealização se caracteriza pela seleção de alguns e pela concentração de terras e renda. A festa não tem o mesmo significado para todos, nem todos compartilham dela, mas importante parcela da população local faz destes dias momentos de rememoração e de celebração simbólica de identidades em construção. As representações presentes na festa têm afinidades com o passado e o presente de parcela desta população. As manifestações se aproximam elementos culturais locais e de passados imaginados.

Notas

¹ Professor Adjunto do Curso de Graduação em História da Unioeste. E-mail: valdirmacgregory@gmail.com

² STEIN, Marcos Nestor. Construção e reconstrução do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon. MCRondon, TCC em História, 1996, p. 8.

³ OBERG, Kalervo, JABINE, Thomas. Toledo : um Município da fronteira Oeste do Paraná. Rio de Janeiro : Edições SSR, 1960, p.36.

⁴ Idem, p. 47.

⁵ Relatório da MARIPÁ de 1960.

⁶ NIEDERAUER, Ondy H. Toledo no Paraná, a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso. Toledo : Manz Etiquetas Adesivas, 1992.

⁷ Sobre a história de Cascavel, ver SPERANÇA, Alceu A. Cascavel : a história. Curitiba : Lagarto, 1992.

⁸ Ver SEIFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Brasília, EDUNB, 1990, p. 85.

⁹ Idem, p.35.

¹⁰ KLIEMANN, Luíza Helena Schmitz. Rio Grande do Sul : Terra e Poder - História da Questão Agrária. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986, p. 13-14.

¹¹ WAIBEL, Léo. Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro : IBGE, 1979, p. 236.



O Espaço Pluralse propõe a publicações de:

- I. Pesquisas inéditas em forma de artigos, de reconhecido rigor teórico, relevância intelectual, científica, cultural e artística.
- II. Seção “Primeiros Passos”. Relatos de iniciação científica e acadêmica e artigos resultantes de pesquisas em andamento de acadêmicos de graduação com comprovado interesse científico.
- III. Resenhas de livros nacionais e estrangeiros de publicação recente, de até 5 (cinco) anos para estrangeira e 2 (dois) anos para nacionais.
- IV. Relatos de pesquisas , propiciando a melhoria teórica e metodológica da atuação profissional nas respectivas áreas do jornal.
- V. Entrevistas de cunho científico-cultural-artístico.
- VI. Documentos inéditos sob a guarda do CEPEDAL, ou de outras instituições, de interesse social, científico e acadêmico.
- VII. Resenhas críticas de produções audiovisuais.

Conforme o regulamento do Espaço Plural, as normas de publicação devem obedecer aos seguintes critérios:

1. Os artigos devem ter de 10 a 12 (dez a doze) laudas;
2. As resenhas de livros ou de obras audiovisuais devem ter de 3 a 5 (três até cinco) laudas;
3. A seção “Primeiros passos” deve ter de 3 a 6 (três a seis) laudas,
4. Relatos de pesquisa devem ser de até 5 (cinco) laudas,
5. O autor deve informar a seção (artigo, relato de pesquisa, etc) para a qual o texto está sendo enviado. (o Conselho Editorial pode fazer alterações)
6. A diagramação para todos os materiais enviados é:
 - * espaçamento de 1,5 e fonte Times New Roman 12;
 - * as citações internas do texto devem vir em itálico, entre aspas;
 - * as citações com mais de quatro linhas devem ter dois recuos, em corpo 11; essas citações não devem exceder as 10 linhas (cada uma).
7. Margens: superior 2,5 cm, inferior 2,5 cm, esquerda 3,0 cm, direita 2,5cm, folha A4;
8. As Notas de Fim não podem ultrapassar 5 (cinco) linhas.
9. As Notas de Fim devem respeitar as normas de citação, de acordo com o exemplo a seguir: RAMONET, Ignácio. Tiranias da comunicação . Petrópolis, Vozes. 1999. (indicar a página, quando for citação textual). As repetições do mesmo autor devem atender às normas da ABNT.
10. Todas as citações no texto e as referências bibliográficas devem constar exclusivamente como notas de fim, sem referências bibliográficas separadas.
11. É facultado ao autor o envio de imagens (ilustração, fotografia) para constar no material a ser publicado, respeitados os direitos autorais das mesmas, cabendo ao Conselho Editorial a decisão de publicá-las. As mesmas devem ser enviadas scanerizadas, em extensão JPEG.
12. Os textos são de responsabilidade de seus autores. O autor deve enviar junto com o material a ser apreciado uma Carta de Autorização de publicação, declarando o ineditismo do texto.
13. No caso de parecer “favorável com restrições”, a publicação é condicionada às alterações indicadas pelos pareceristas. As alterações da versão final devem se ater às sugestões do parecerista.
- XX. Os casos omissos são deliberados pelo Conselho Editorial

É de responsabilidade do autor que o material enviado na versão final para publicação atenda às regras de publicação.

Recebimento de artigos para as próximas edições:

Número 16 (primeiro semestre de 2007):
aberta até o dia 07/05/2007.

Número 17 (segundo semestre de 2007):
aberta até 06/08/2007.

Os textos devem ser entregues na Secretaria do Cepedal, ou enviados pelo correio convencional, em uma via impressa, e em disquete, salvo em (.RTF), conforme especificações acima definidas.

Endereço para envio de materiais:

UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, CEPEDAL.
Rua Pernambuco, 1777, cep. 85.960-000 - Marechal Cândido Rondon - PR.
a/c Prof.a Méri Frotscher - Fone: (45) 3284-7869
E-mail: espacoplural@yahoo.com.br

Apoio:

FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA